

Trabalho preparado para apresentação no XI Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 20 a 24 de setembro de 2021

Working Paper

**O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas:
Conflito, ameaças e preferências autoritárias na Ucrânia**

Vicente Ferraro
Doutorando, DCP-USP
vgferraro.jr@usp.br

* O presente trabalho foi desenvolvido com base em trechos da tese de doutorado.
Favor citar somente mediante autorização do autor.

Resumo: Diversidade étnica é um obstáculo à democratização? Autores clássicos da Ciência Política apontaram a diversidade como um possível obstáculo por dificultar o consenso entre os membros de uma comunidade política. Outros, contudo, mostraram que a diversidade em si não é um problema, mas sim a ocorrência de conflitos. O Espaço Pós-Soviético oferece amplo campo para a investigação da relação entre diversidade e democratização, uma vez que várias ex-repúblicas soviéticas enfrentaram movimentos separatistas ao longo do processo de transição. No capítulo anterior da tese em desenvolvimento, evidenciamos que o conflito separatista na Chechênia contribuiu para uma maior percepção de minorias étnicas como ameaça à ordem na Rússia, o que, por sua vez, esteve associado a um crescimento nas preferências autoritárias. No presente capítulo, examinaremos tal relação no caso da Ucrânia. Embora o país tenha realizado a transição sem enfrentar conflitos separatistas, houve uma crescente polarização etnorregional envolvendo questões geopolíticas. Com a crise política de 2014, sua integridade territorial foi posta em xeque: a Crimeia foi incorporada à Rússia e o Donbass permanece em guerra, com o apoio militar russo. Verificamos, por meio de surveys conduzidos por institutos ucranianos, se o conflito levou a uma maior percepção de minorias como ameaça e a maiores preferências autoritárias. Nossos achados preliminares revelam que houve pouca percepção de minorias como ameaça, mas um elevado temor em relação à Rússia. Não encontramos evidências conclusivas de um potencial crescimento de preferências autoritárias, o que pode ser um indicativo de que ameaças externas têm menor efeito sobre atitudes autoritárias. Presume-se que a natureza do conflito e o *framing* das elites podem levar a distintos impactos na opinião pública.

Palavras-chave: Conflitos; ameaças; atitudes autoritárias; política étnica; Ucrânia.

O dilema entre democracia e ordem em sociedades divididas: Conflito, ameaças e preferências autoritárias na Ucrânia

Introdução

Em continuidade ao estudo da relação entre diversidade étnica e democracia, bem como do impacto do problema de *stateness*¹ no Estado central, abordaremos o caso da Ucrânia. Assim como a Rússia, a Ucrânia passou pelo dilema da "transição tripla"², tendo que conduzir simultaneamente profundas reformas políticas, econômicas e identitárias após a dissolução da URSS. Como mencionamos anteriormente, os diferentes "tabuleiros" da transição afetaram uns aos outros, condicionaram as escolhas institucionais feitas pelas elites e geraram percepções de trade-offs relacionadas a elas.

O estudo do caso russo evidenciou que o conflito separatista esteve associado a elevadas percepções de *out-groups* (minorias étnicas) como ameaça e a maiores preferências autoritárias na sociedade. Ademais, elites lograram mobilizar o discurso do trade-off entre ordem e democracia como pretexto para adotar instituições anti-liberais. Argumentaram que, dado o contexto multiétnico do país, a adoção de instituições democráticas do padrão "ocidental" não era uma opção viável, já que poderia levar à dissolução do Estado. Seria necessário um regime centralizado e com um Executivo dotado de fortes poderes institucionais capaz de garantir a estabilidade e a integridade territorial do país. A questão etnonacional, portanto, constituiu um importante recurso não-material de poder à disposição do incumbente.

Após a derrubada do presidente Viktor Yanukovich no início de 2014, a Ucrânia emergiu em um prolongado conflito separatista, sustentado pela interferência russa. Neste estudo de caso, buscaremos verificar se tal conflito desencadeou percepções de ameaça e preferências autoritárias na sociedade, além de examinar se as elites mobilizaram ameaças como pretexto para conduzir mudanças institucionais autoritárias e restringir liberdades.

Nas próximas seções deste estudo abordaremos: (1) os aspectos gerais da questão étnica no país; (2) os motivos por, ao contrário de outras repúblicas soviéticas, o país não ter presenciado conflitos étnicos no processo de transição; (3) como a questão étnica

¹ O problema de *stateness* diz respeito a situações em que o Estado central não tem o monopólio do uso legítimo da violência, como em situações de secessionismo e movimentos que contestam sua integridade territorial.

² Offe 1991.

afetou a política nacional e o estado central; (4) aspectos gerais do sistema político ucraniano; (5) estratégia empírica para a análise do períodos de transição e pós-conflito; (6) a variação na percepção de minorias como ameaça e de preferências autoritárias ao longo da transição; (7) o conflito iniciado em 2014 e seus possíveis impactos; (8) o discurso dos incumbentes e suas referências à questão étnica; e (9) o discurso da "quinta coluna" coluna russa na imprensa nacional.

2. Motivos da estabilidade étnica e regional durante a transição

Embora a questão étnica tenha apresentado considerável saliência durante a transição, inclusive com movimentos centrífugos e demandas separatistas, a Ucrânia não passou por conflitos étnicos no período, ao contrário de diversos ex-países socialistas. Vários acadêmicos buscaram analisar os motivos que levaram à estabilidade, salientando principalmente a importância de negociações e barganhas para tal resultado.

Solchanyk (1994) foi um dos primeiros autores que chamaram a atenção para a abordagem moderada das elites. Em vez de seguir uma posição nacionalista e radical, como ocorreu em algumas ex-repúblicas soviéticas, o governo central adotou uma política moderada de negociação, o que facilitou a acomodação das minorias que demandavam autonomia. Diversas lideranças nacionais evitaram adotar o discurso da "Ucrânia para os ucranianos étnicos". Em troca, tais minorias apoiaram o referendo de independência da Ucrânia perante a URSS em 1991 (Solchanyk 1994, p. 65). Mesmo nos momentos de maior atividade separatista na Crimeia, lideranças nacionais, com referências aos conflitos separatistas na Transnístria (Moldávia) e em países do Cáucaso, conclamaram elites regionais a alcançar um compromisso baseado em negociações e consultas (Solchanyk 1994, p.56).

Na mesma direção, Sasse (2001) enfatiza que a pacificidade da transição esteve relacionada não apenas a concessões específicas às minorias, mas sobretudo ao longo processo de negociação e elaboração da nova constituição, o que garantiu a acomodação de interesses, mas atrasou a adoção de reformas econômicas. A Ucrânia foi um dos últimos países socialistas a adotar uma nova constituição, promulgada apenas em 1996. Sasse também menciona que divisões regionais, étnicas, linguísticas, sócio-econômicas e entre elites geraram múltiplas identidades políticas, por vezes transversais, o que dificultou a primazia de uma única clivagem na política nacional e contribuiu para a

estabilidade. Por sua vez, Stepan (2005) ressalta a importância de mecanismos consociativos no sistema político, como a implementação de políticas no sentido de construir um "state-nation", em vez de um "nation-state", ou seja, o território do Estado seria o fundamento de constituição da nação. Embora não tenha contemplado todos os arranjos característicos do tipo, como o federalismo, diversas concessões foram feitas às minorias nas áreas de cidadania, línguas e símbolos nacionais. O alto potencial de irredentismo de russos, associado ao fato de o país fazer fronteira com a Rússia, limitou as possibilidades de se conduzir um processo de *nation-building* mais agressivo (Stepan 2005, p.287-288). O autor também enfatiza que mesmo o *Rukh*, movimento nacionalista com maior adesão no oeste no início da transição, não adotou uma retórica radical, e a polarização regional do sistema partidário impediu que suas pautas fossem adotadas integralmente. Vale mencionar que discursos presidenciais e políticas sociais e econômicas reforçaram uma concepção cívica, inclusiva, de nacionalidade, em detrimento de uma concepção étnica (Shulman 2004, p.37).

Protsyk (2008) considera que a "opção-zero", o processo de conferir cidadania a todos os habitantes do território independentemente da etnia, quando a URSS se desintegrou, garantiu segurança às minorias, ao contrário dos países bálticos, que excluíram as minorias russas. Para o autor, embora não foram criadas instituições de autogovernança das minorias, elas foram incluídas e integradas às instituições de governança em todos os níveis de poder – a regionalização do sistema partidário expandiu os mecanismos de participação na política nacional. Apesar de a questão linguística ter sido um ponto de contestação, na prática normas que assegurariam a primazia do ucraniano foram pouco implementadas e a língua russa continuou predominante nos meios de comunicação. O sucesso na resolução da questão da Crimeia, nos anos 1990, esteve relacionado à garantia de autonomia regional, à busca de compromisso por parte das elites, à atuação de organizações internacionais, como a OCDE e ao fracasso de forças secessionistas em mobilizar a população local e a Rússia (Protsyk 2008, p. 13).

Way (2019) alega que, a despeito da divisão nacional entre russófilos/russos étnicos (concentrados no leste) e ucranófilos (concentrados no oeste), o sistema político ucraniano se manteve estável e centralizado graças a uma "barganha faustiana", uma poderosa coalizão de centralização que contemplou tanto interesses de *nation-building* do oeste, como a língua ucraniana e símbolos nacionais, quanto interesses econômicos das

elites do leste, as quais foram beneficiadas com a participação no Estado central e a alocação de recursos de patronagem. Representantes do leste que defendiam a descentralização passaram a promover centralização quando alcançaram a presidência, sobretudo Leonid Kuchma (1994-2005), que recorreu a tal estratégia como instrumento de concentração de poder. A barganha faustiana foi reformulada com novos acordos em diversas ocasiões, como na Revolução Laranja de 2004, mas se rompeu gradualmente no governo de Viktor Yanukovich (2010-2014). Sua recusa em assinar tratados que facilitariam o futuro ingresso do país na União Europeia foi o estopim que levou ao fim da barganha, à intensa polarização regional e à ruptura de instituições estatais. Com o apoio da Rússia, a crise de 2013-2014 culminou na anexação da Crimeia ao território russo e em um conflito armado no Donbass, região do extremo leste. Desde o início do conflito, partidos russófilos perderam representatividade no Estado central (Way 2019, p.20).

7. O conflito iniciado em 2014 e seus possíveis impactos na sociedade ucraniana

Nesta seção buscaremos analisar os impactos que o conflito iniciado em 2014 pode ter ocasionado na percepção de ameaças e nas atitudes políticas na Ucrânia. Inicialmente verificaremos as causas e a natureza do conflito.

7.1 Causas e natureza do conflito

Há um intenso debate acadêmico acerca das causas e da natureza do conflito no leste da Ucrânia. Parte dos autores confere maior foco a elementos internos que concorreram para a crise, ao passo que outra parte atribui à Rússia a responsabilidade principal, senão total, pelo conflito.

Um dos principais argumentos no primeiro campo foi o de Sergiy Kudelia (2014), segundo o qual o conflito armado resultou de uma interação entre variáveis estruturais e de agência, tais como: (1) fragmentação estatal, com a perda gradual do controle do Estado central sobre parte do território por pressão de manifestantes que ocuparam prédios governamentais em diferentes regiões durante a Euromaidan; (2) mudança violenta de regime e baixa legitimidade das novas autoridades, sobretudo no leste, onde a população percebeu as transformações como um golpe de estado; (3) baixa capacidade

coercitiva do governo; (4) emoções específicas do Donbass, como antigos ressentimentos e medo de que nacionalistas radicais fossem reprimir minorias. Os ressentimentos tiveram tanto uma vertente econômica, a percepção de que a região era uma das mais ricas do país e contribuía para "sustentar" outras regiões, quanto política, a percepção de que a derrubada do presidente Yanukovich, oriundo do Donbass, e a desintegração do Partido das Regiões levariam à perda do status privilegiado da região. Por sua vez, o medo foi reforçado por uma tentativa de nacionalistas revogarem uma lei de 2012 que conferia o status de língua oficial regional ao russo, pela difusão de termos "desumanizantes" em relação aos ativistas pró-Rússia e, principalmente, pelo crescimento da proeminência de grupos paramilitares nacionalistas que, inclusive, receberam aval do governo para combater os separatistas. Nacionalistas do oeste e opositores de Yanukovich eram vistos como "fascistas" no leste, narrativa que foi explorada pelo Partido das Regiões por anos, sobretudo após a Revolução Laranja de 2004. Kudelia (2014) menciona que a forte identidade regional no Donbass, a presença de minorias russas e a ampla difusão da língua russa tornaram a região responsiva a apelos emotivos pró-Rússia.

Também com foco em elementos internos, Giuliano (2015) analisa as bases sociais para o apoio à autodeterminação no leste da Ucrânia. De acordo com a autora, o engajamento de forças locais do Donbass não pode ser analisado apenas com base em divisões étnicas e linguísticas, mas sim levando-se em consideração acontecimentos políticos que contribuíram para a alienação política do Estado central na crise de 2014. Dois fatores levaram à tal alienação: os interesses materiais de trabalhadores industriais em preservar laços econômicos com a Rússia – o acordo econômico com a União Europeia era percebido como uma ameaça a tais laços; e a nostalgia em relação à URSS, já presente na região, mas fortalecida após elites centrais enfatizarem uma identidade nacional ucraniana etnicamente exclusivista e darem voz à direita ultranacionalista. Em outro trabalho, Giuliano (2018) mostra que a etnicidade não foi um fator de polarização no Donbass, mas teve grande influência em formar atitudes políticas, uma vez que russos étnicos apresentaram maior suporte a separatismo do que ucranianos étnicos. Surveys, entrevistas e declarações de residentes do Donbass indicam que interesses materiais e o temor em relação a nacionalistas radicais podem ter sido mais preponderantes para o apoio ao separatismo do que posicionamentos geopolíticos ou a preocupação com questões etnoculturais (Giuliano 2018). Há evidências de que os locais do Donbass que

seriam economicamente mais vulneráveis a uma integração com a União Europeia caíram mais rapidamente sob o controle separatista (Zhukov 2016). Portanto, fatores econômicos teriam maior relevância do que divisões étnicas, o que explicaria por que o conflito não se expandiu para outras regiões russófonas.

No que concerne aos argumentos que ressaltam a preponderância de fatores externos, há um grande foco na interferência da Rússia. Andreas Umland (2014) afirma que, por meio de guerra de informação, o Kremlin e a mídia russa exploraram o medo local ao conferir uma imagem do *Right Sector*, partido de ultradireita que participou ativamente da Euromaidan, como genocida e etnocêntrico. Para o autor, embora tenha posições controversas, o *Right Sector* conta com membros russófonos, o que contradiz a ideia de um conflito étnico entre oeste ucrainófono e leste russo. Outra evidência para a atuação russa foi a falta de liderança e organização por trás da insurgência. Diferentemente da Crimeia, onde houve uma atuação moderada de organizações locais pelo separatismo, no Donbass não houve atuação significativa de agentes políticos locais dotados de recursos organizacionais e financeiros. Ademais, alguns dos principais líderes separatistas eram cidadãos russos. O autor conclui que embora houvesse insatisfações regionais, elas não eram o suficiente para ocasionar o conflito.

Wilson (2016) afirma que fatores históricos e identitários, bem como temores econômicos e alienação em relação ao centro, foram apenas a "baseline" do conflito – surveys mostraram que o apoio ao separatismo era por volta de 30% nas duas regiões do Donbass, Donetsk e Luhansk (Wilson 2016, p. 642). O suporte militar russo e o papel das elites locais, ligadas ao ex-presidente Yanukovich, com o fornecimento de recursos a separatistas, foram os "gatilhos". Logo, a crise não foi uma guerra civil com intervenção externa, mas um processo catalisado e escalado por elites locais e pela Rússia. Segundo o autor, o envolvimento direto da Rússia diminuiu após agosto de 2014 para conferir a aparência de "indigenização" ao movimento. Ativistas pró-Rússia locais foram pouco significativos do ponto de vista militar, mas muito do ponto de vista político³. Em períodos eleitorais, anteriores a 2014, partidos políticos recorreram a estereótipos polarizadores, tanto no oeste quanto no leste. A imagem do oeste como "fascista" foi explorada por "'tecnólogos políticos' [...] como meio de territorializar o voto e assegurar o poder" (Wilson 2016, p. 639). Shekhovtsov e Umland (2014) enfatizam que, em um

³ Wilson baseou este argumento no trabalho de Mitrokhin (2015).

contexto de guerra informacional, a mídia russa superestimou a dimensão de partidos nacionalistas radicais na política ucraniana e nos protestos de 2014. Segundo os autores, no país há pouco registro de crimes raciais e a votação expressiva de um partido nacionalista em 2012 foi motivada mais pela oposição contundente do partido a Yanukovich do que por adesão a ideias nacionalistas. No geral, partidos nacionalistas radicais nunca tiveram muito apoio na política ucraniana (Way 2019, p. 49).

Finalmente, Katchanovski (2016) considera o caso do Donbass um conflito civil com envolvimento direto e indireto de um estado estrangeiro. Para o autor, diversos atores contribuíram para a escalada do conflito, desde separatistas locais e a Rússia a grupos de extrema-direita e o Ocidente – o último apoiou a derrubada violenta de um regime pró-Rússia. Inicialmente a Rússia forneceu apoio indireto, como armas e voluntários, mas em um segundo momento, com o avanço do exército ucraniano, passou a atuar diretamente, o que levou a uma reviravolta em benefício dos separatistas. Embora o conflito tenha contado com a mobilização de separatistas locais, a participação da Rússia foi fundamental para o resultado alcançado. Katchanovski argumenta que há uma polarização geopolítica nas narrativas acerca da natureza do conflito: a imprensa ucraniana e ocidental, assim como o governo ucraniano, buscam apresentá-lo apenas como um caso de agressão externa, ao passo que o governo e a mídia russa abordam-no como um problema interno (etno-regional) ucraniano, resultado de um golpe de estado promovido por nacionalistas radicais com a ajuda do Ocidente.

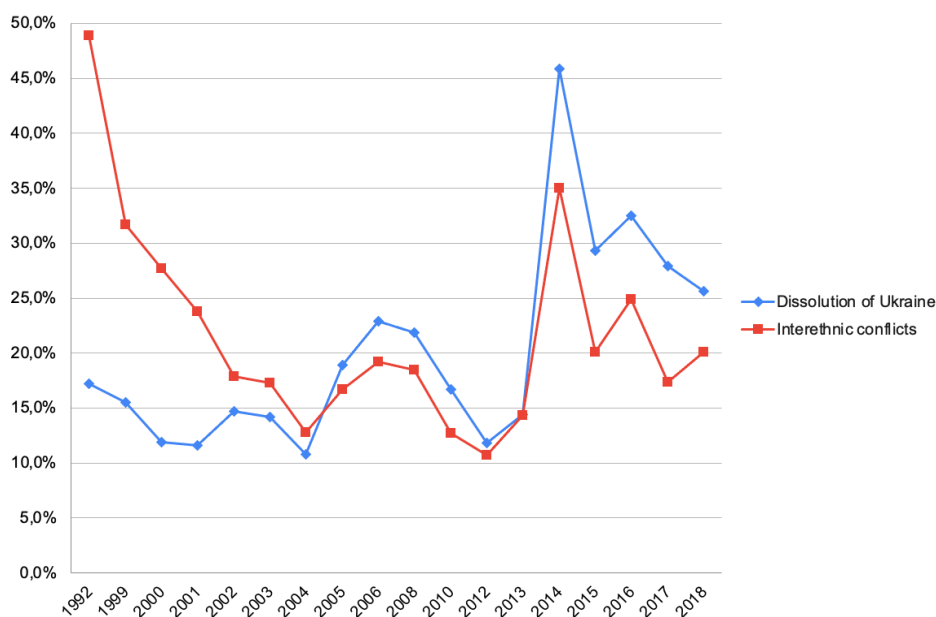
Podemos concluir que uma compreensão abrangente do conflito do Donbass deve levar em conta tanto fatores internos, como diferentes percepções de ameaça, interesses econômicos e a instrumentalização do "othering" por elites regionais e nacionais, quanto fatores externos, como a intervenção militar de uma potência, guerra informacional e disputas geopolíticas.

7.2 Percepções de ameaças

Como esperado em nossas hipóteses, o conflito no Donbass e a crise da Crimeia parecem ter contribuído para o crescimento de diversas percepções de ameaça na sociedade ucraniana.

Embora não tenhamos os dados para a percepção de *out-groups* como ameaça, há duas *proxies* que podem estar relacionadas a minorias: o medo da dissolução do Estado ucraniano e de conflitos interétnicos. De acordo com o gráfico, o medo de conflito interétnico era consideravelmente alto no período posterior à dissolução da URSS, com cerca de 50% da população em 1992⁴, e caiu firmemente na primeira metade dos anos 2000. Já o temor em relação à dissolução do Estado ucraniano não havia registrado grandes variações. O primeiro salto de ambas as variáveis se deu logo após a Revolução Laranja de 2004: pela primeira vez, o medo de dissolução ultrapassou os 20% e o de conflitos interétnicos voltou a crescer. Após 2006 ambos voltaram a decair. Em 2014, ocorreu o maior salto de todo o período: o medo de dissolução ultrapassou os 45% e o de conflitos interétnicos alcançou 35%. Embora os anos seguintes tenham registrado queda, os valores seguiram altos quando comparados ao período anterior ao conflito.

**Gráfico. Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem?
Dissolução da Ucrânia em estados separados e conflitos interétnicos**



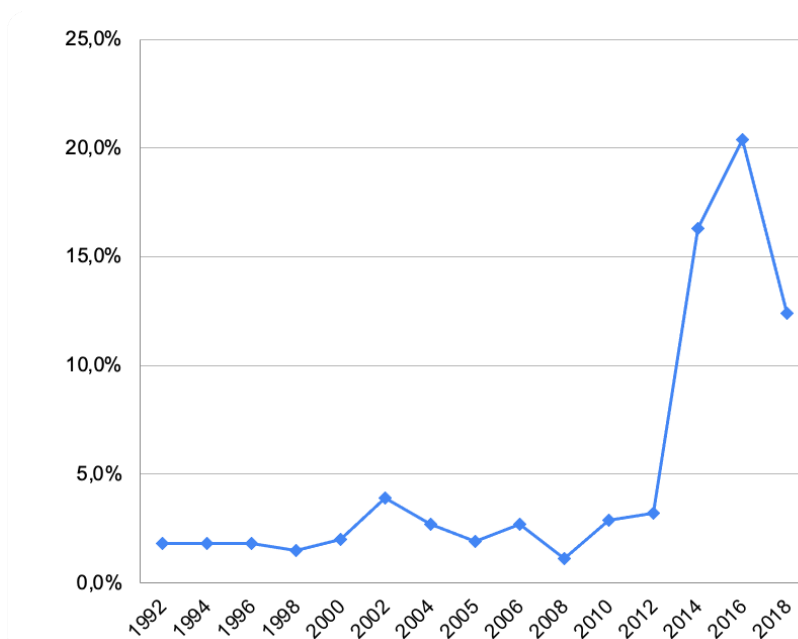
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outro indicador relacionado a uma eventual percepção de minorias russas como ameaça é a questão "no geral, não aceitaria que russos viessem para a Ucrânia". Desde o fim da URSS, o percentual de rejeição a russos foi inferior a 5% da população. Com a

⁴ Devemos ter cautela na consideração dessas variáveis como proxies de medo de minorias. Como mostramos anteriormente, a percepção de minorias como ameaça nos anos 1990 foi consideravelmente baixa.

crise de 2014, o percentual ultrapassou 20% e voltou a cair. É interessante notar que mesmo com o conflito, a rejeição a russos é consideravelmente baixa. Em 2016, ano do pico, em uma lista com 16 etnias e nacionalidades, os russos registraram apenas a quarta maior rejeição. À sua frente estiveram árabes (26,0%), ciganos (40,7%) e chechenos (50,7%). Vale mencionar que nas respostas não é possível identificar se respondentes se referiam a cidadãos da Federação Russa, a russos étnicos da Ucrânia ou a ambos.

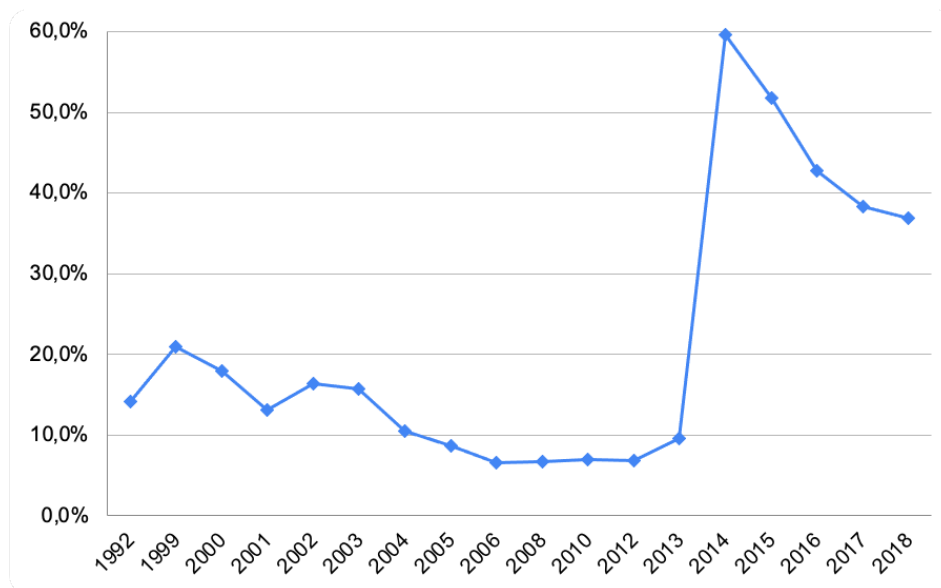
Gráfico. "No geral, não aceitaria que russos viessem para a Ucrânia"



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

No que concerne a ameaças externas, o impacto da crise de 2014 é ainda mais notável. Na maior parte do período, o temor de um ataque de um inimigo externo esteve abaixo dos 20% – após 2004, abaixo de 10%. Em 2014, houve um grande salto para quase 60%, mantendo valores relativamente altos nos anos seguintes. O fato de a percepção de ameaça externa ter registrado percentuais bem acima da ameaça interna (conflitos interétnicos e dissolução do país) é um indício de que a crise separatista na Ucrânia é vista mais como um problema externo, sustentado pela Rússia, do que algo endógeno, relacionado a crises no sistema político ucraniano.

**Gráfico. Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem?
Ataque de um inimigo externo**



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Um indicador que confirma a percepção de que o conflito é mais um problema externo do que interno é a questão acerca de com quem as forças militares ucranianas estão lutando no Donbass. Como a tabela abaixo evidencia, apenas uma pequena parcela da população considera que os separatistas são guerrilhas locais agindo independentemente de outros atores. A resposta mais mencionada no período foi a que pressupõe que os separatistas sejam mercenários russos locais e estrangeiros apoiados pela Rússia, seguida da percepção de que o conflito é diretamente contra o exército russo e, em terceiro lugar, de que é uma luta contra guerrilhas locais financiadas, armadas e controladas pela Rússia. Tal exogeneidade na percepção de ameaça pode ser um importante fator que diferencia o separatismo no Donbass da Chechênia.

Tabela. "Com quem, na sua opinião, as forças militares ucranianas (exército, guarda nacional, política, SBU e etc) estão lutando no Donbass hoje no geral?"

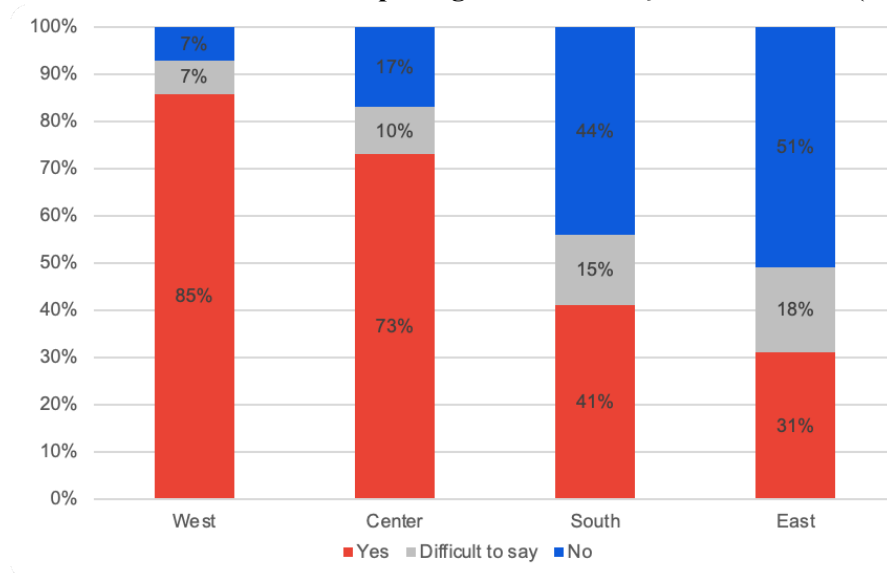
Com uma milícia local que age independentemente	4,3%	4,1%	4,1%	2,6%
Com uma milícia local e voluntários estrangeiros, agindo independentemente	6,5%	7,1%	6,9%	5,6%

Com uma milícia local que é financiada, armada e dirigida pela Rússia	15,9%	18,4%	18,4%	14,4%
Com mercenários russos (locais e estrangeiros, que lutam por dinheiro), apoiados pela Rússia	36,6%	36,4%	28,6%	33,1%
Com o exército regular russo	17,4%	12,8%	20,4%	16,8%
Difícil responder	19,3%	20,9%	21,5%	27,5%
Não respondeu	0,2%	0,3%	0,1%	0,0%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Entretanto, apesar da abordagem predominante do conflito como uma ameaça externa, quando observamos variações no nível regional constatamos uma significativa polarização: o oeste e o centro percebem a Rússia como um país "agressor" muito mais que o sul e o leste, mesmo quatro anos após o início da crise.

Gráfico. "Você considera a Rússia um país agressor em relação à Ucrânia?" (2018)

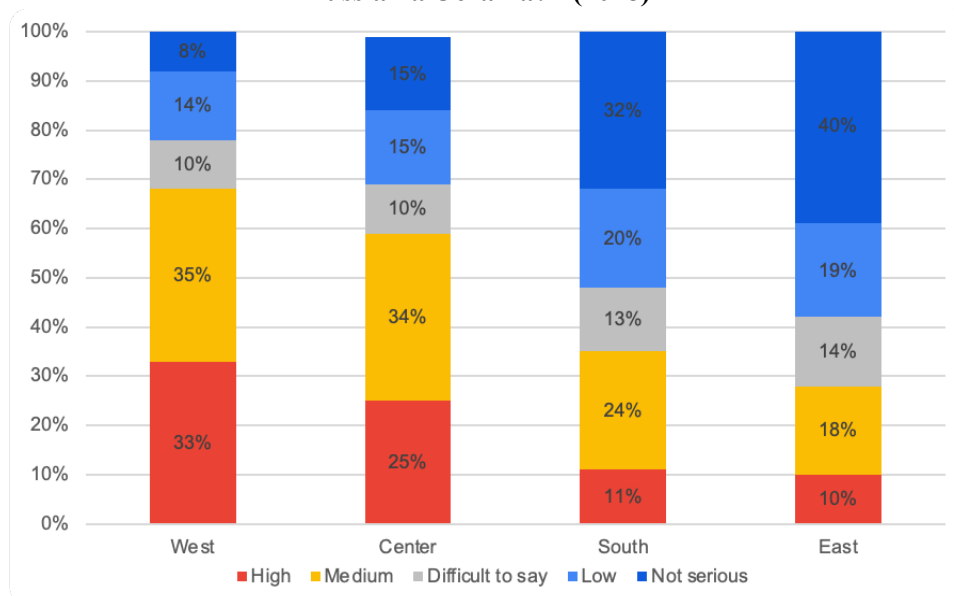


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Uma vez que divisões regionais são em grande medida congruentes com divisões linguísticas, é também marcante a diferenciação: 83% dos que falam ucraniano em casa consideram a Rússia como um país agressor, ao passo que somente 33% dos que falam

russo afirmaram o mesmo⁵. A variação regional e linguística também pode ser observada na percepção de uma invasão terrestre de grandes proporções à Ucrânia por parte da Rússia. Como é possível notar no gráfico abaixo, 68% dos respondentes no oeste afirmaram haver um risco alto ou médio de invasão, ao passo que no leste tal temor corresponde a 28%.

Gráfico. "Avalie a probabilidade de uma invasão militar terrestre em grande escala da Rússia na Ucrânia?" (2018)

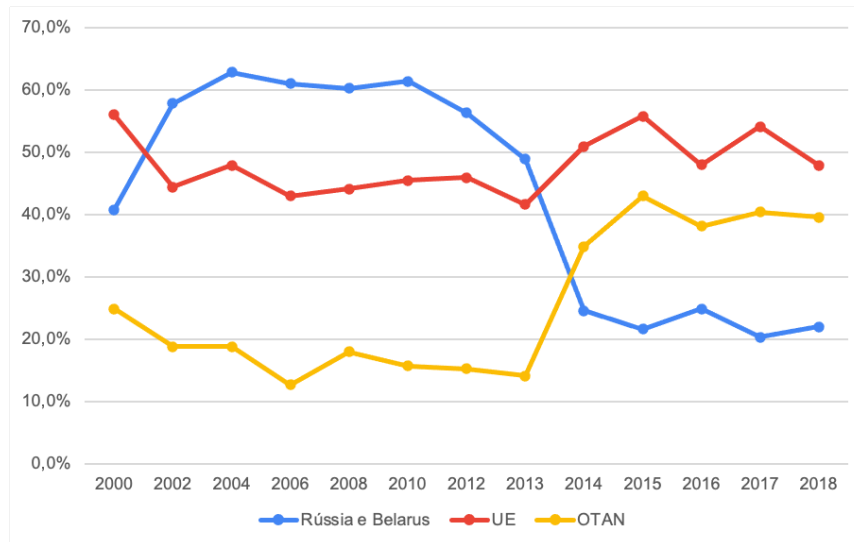


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Conforme diversos políticos ucranianos e acadêmicos enfatizaram, o conflito contribuiu para diminuir a polarização geopolítica no país, aproximando-o do Ocidente. No gráfico podemos notar, que o apoio à integração com a Rússia e Belarus decaiu vertiginosamente de 2013 para 2014, ao passo que o apoio à integração com a União Europeia e, sobretudo, com a OTAN cresceu significativamente. Por um lado, tal variação se deve à alienação de regiões (e sua população) pró-Rússia do território ucraniano, e, por outro, à percepção de que a integração a organismos regionais de segurança pode garantir proteção contra a agressão russa.

Gráfico. Apoio ao ingresso da Ucrânia na união da Rússia e Belarus, União Europeia e OTAN

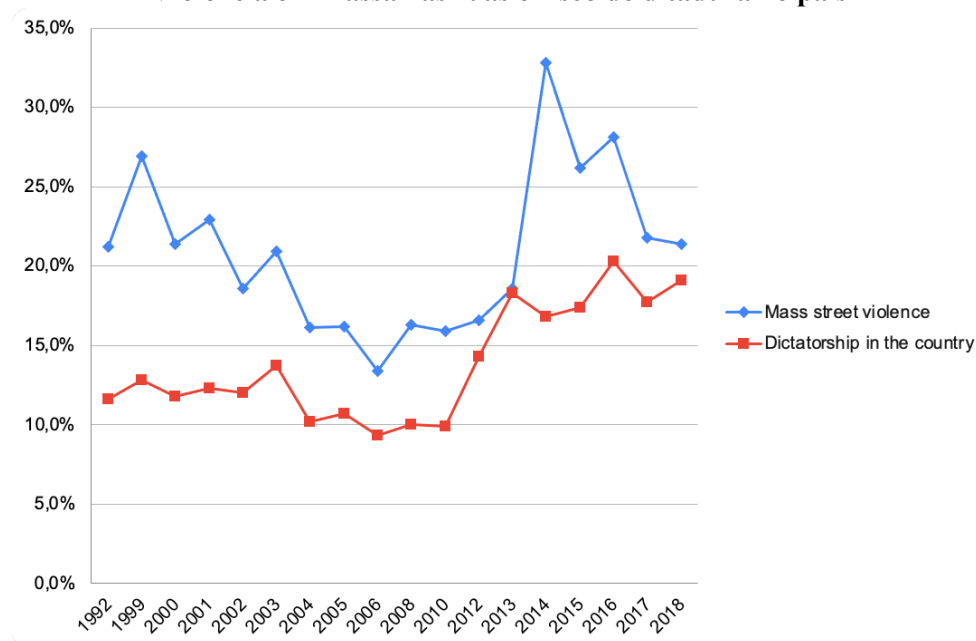
⁵ Rating Group (2018). Otsinka zahroz ta stavlennyya do zaprovadzhennyya voyennoho stanu v Ukrayini. URL: http://ratinggroup.ua/files/ratinggroup/reg_files/rg_martial_law_122018_press.pdf . Last access: 02.Jun.2021.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Finalmente, um último indicador de percepções de ameaça é a preocupação com violência em massa nas ruas e com uma eventual ditadura no país. No período anterior à Euromaidan, o temor em relação a violências nas ruas era manifestado por menos de 20% da população. Com o início da crise, o temor deu um salto para 32,80%. Já a preocupação com uma ditadura começou a ganhar força em 2012, no governo Yanukovich. Nos anos seguintes continuou a crescer, atingindo um pico de 20,3% em 2016.

Gráfico. Na sua opinião, o que as pessoas atualmente mais temem?
Violência em massa nas ruas e risco de ditadura no país



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

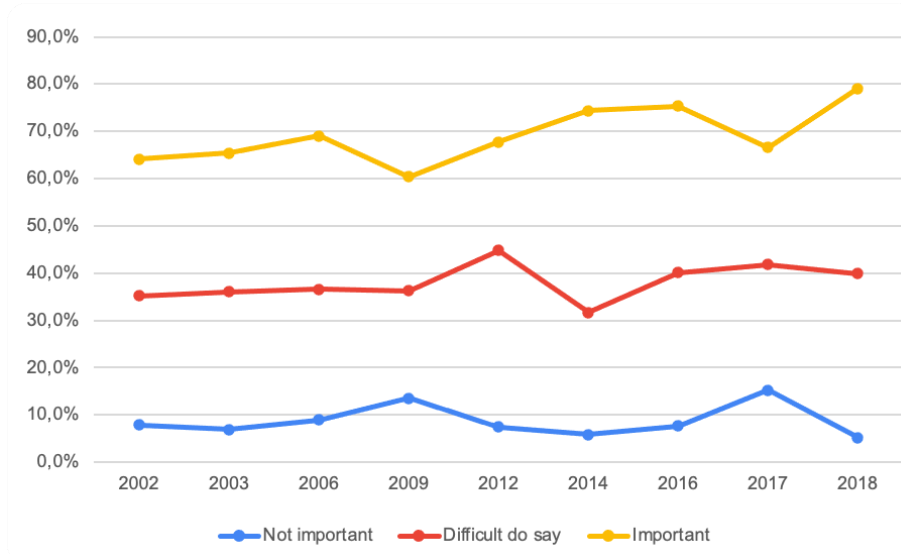
Na presente subseção pudemos constatar que o conflito iniciado em 2014 teve impacto significativo na percepção de ameaças internas e externas da sociedade ucraniana. Preocupações com a dissolução do Estado, conflitos interétnicos, ataque de um inimigo externo, violência em massa nas ruas e risco de ditadura apresentaram alguns dos valores mais altos de toda a série temporal, iniciada nos anos 1990. Em níveis recordes, ucranianos afirmaram considerar a situação tensa ou crítica e perigosamente explosiva, além de manifestar preocupações com a estabilidade na sociedade e no Estado. Ao mesmo tempo, os dados revelaram que o conflito separatista é percebido mais como uma ameaça externa, promovida pela Rússia, do que um problema interno inerente ao sistema político do país. Há uma significativa polarização regional e linguística acerca da percepção da Rússia como uma ameaça. Embora a rejeição a russos tenha crescido significativamente no período do conflito, ela esteve restrita a uma parcela minoritária da população, o que também pode ser uma evidência de que a sociedade ucraniana associa o separatismo não aos *out-groups*, suas minorias étnicas, mas à atuação do Estado russo.

7.3 Percepções políticas e preferências de regime da população

Nesta subseção verificaremos possíveis impactos do conflito em percepções e preferências políticas da população ucraniana. Os surveys utilizados não abordam as mesmas questões que as mencionadas no caso russo, mas buscamos recorrer a algumas *proxies* que possam revelar preferências políticas. Como mostraremos a seguir, os achados são em certa medida ambíguos.

Um primeiro indicador associado a preferências democráticas é a pergunta acerca do quão importante é o desenvolvimento democrático do país. Podemos observar no gráfico abaixo que há um pequeno crescimento da percepção de importância de 2012 para 2014. Em 2017 houve uma queda, mas em 2018 um novo aumento. Logo, não há evidências de que o conflito possa ter impactado negativamente as preferências por democracia como um conceito abstrato.

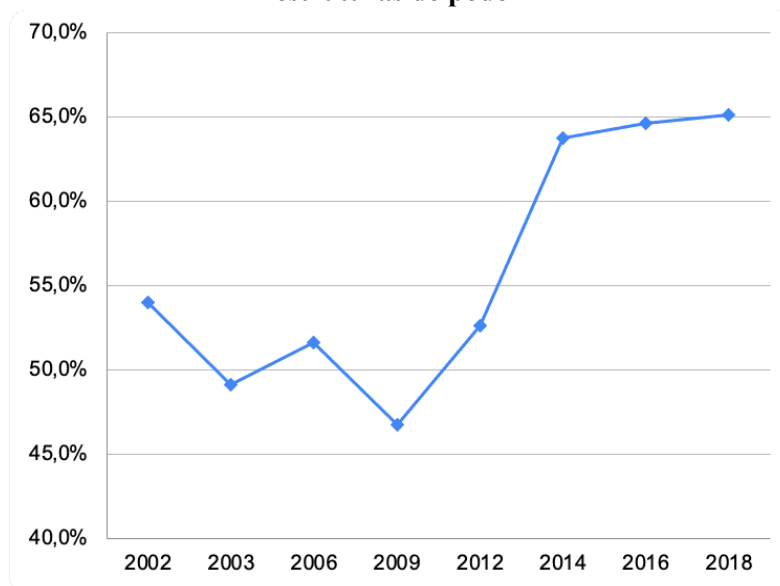
Gráfico. Importância do desenvolvimento democrático do país



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Outro indicador importante diz respeito à possibilidade de crítica e de controle democrático das decisões das estruturas de poder. Como podemos notar, de 2012 para 2014 há um salto de quase 10% e a tendência se mantém crescente nos anos seguintes. Não é possível afirmar, contudo, se em 2013 já havia tal tendência, nem se a variação identificada deve-se ao fato de parte da população (Crimeia e Donbass) ter sido excluída dos surveys.

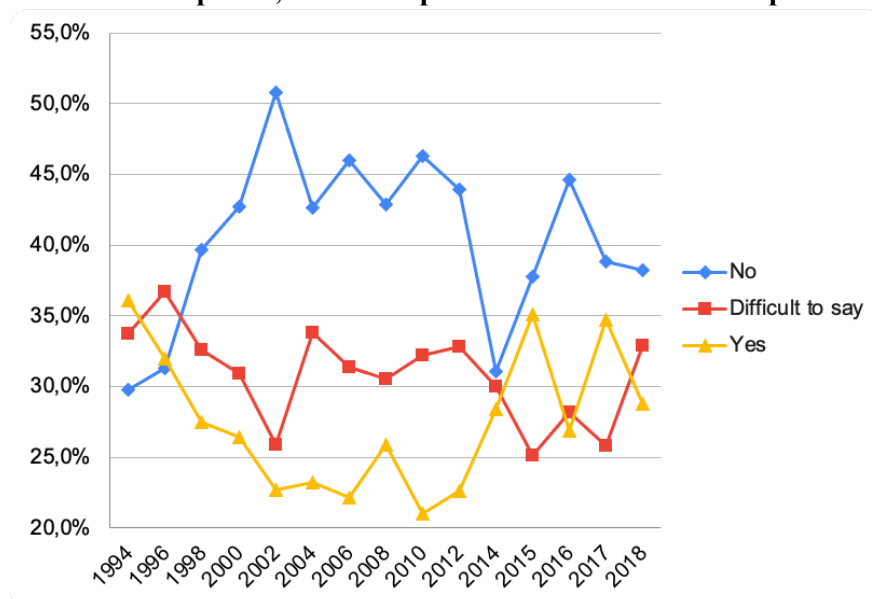
Gráfico. Importância da possibilidade de crítica e controle democrático das decisões das estruturas de poder



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Preferências institucionais também podem ser observadas no nível de apoio a um sistema multipartidário. Como o gráfico mostra, a rejeição a um sistema multipartidário sofreu uma queda acentuada de 2012 para 2014. Já o nível de aprovação nos anos seguintes se manteve acima do nível pré-conflito. É interessante destacar que em quase toda a série o nível de rejeição é superior ao nível de aprovação, o que demonstra um considerável grau de tendências antiliberais na população.

Gráfico. "Na sua opinião, a Ucrânia precisa de um sistema multipartidário?"

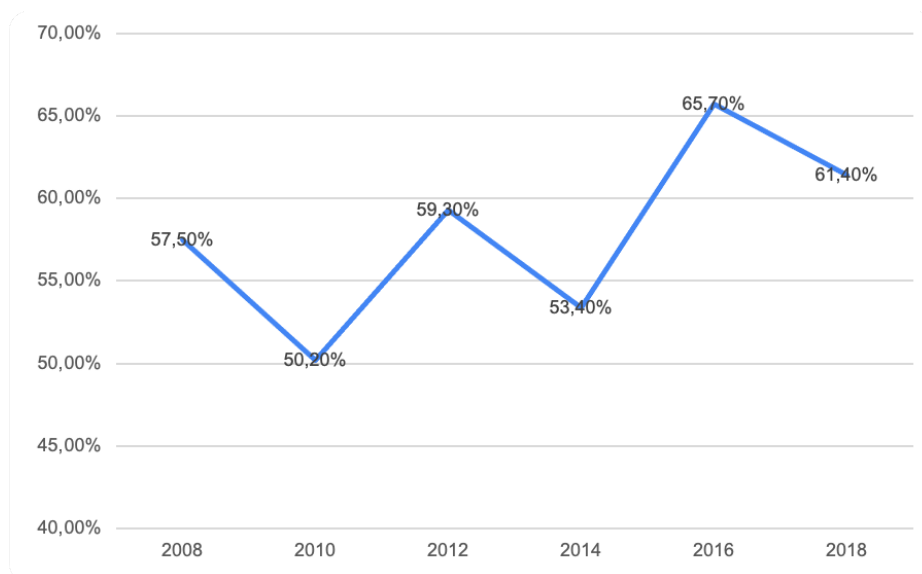


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Embora os indicadores acima evidenciem que as mudanças ocorridas em 2014 possam ter contribuído para o aumento de preferências democráticas no agregado da população, há outras questões que apresentam tendências negativas, sobretudo as relativas ao grau de confiança institucional.

Indivíduos foram questionados sobre o quão satisfeitos estavam com o desenvolvimento democrático do país. De 2012 para 2014, houve uma queda no grau de insatisfação, mas de 2014 para 2016 há um salto de mais de 10%, correspondente ao pico de toda a série. Possivelmente as insatisfações estejam relacionadas às consequências econômicas negativas ocasionadas pelo conflito.

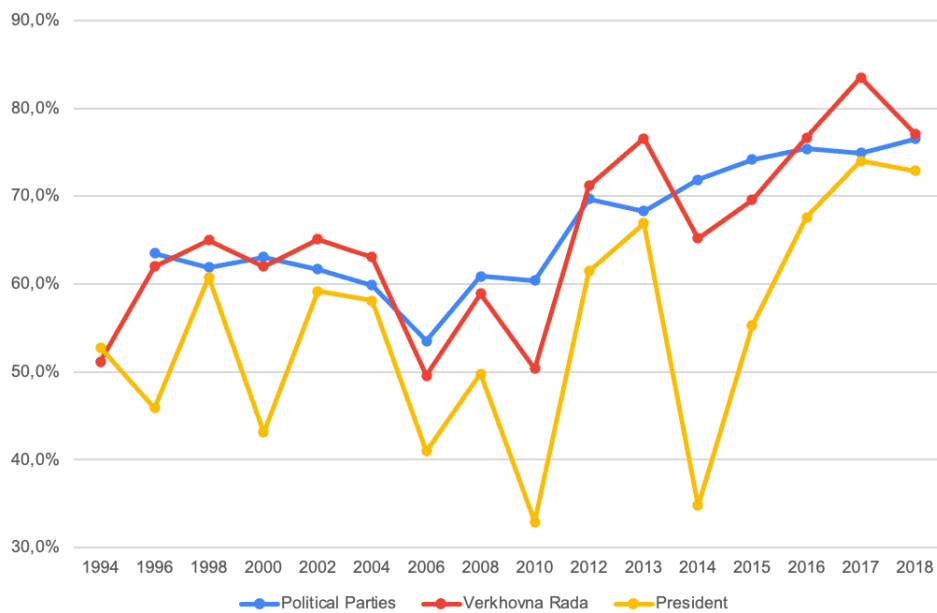
Gráfico. "Em que medida você está satisfeito ou insatisfeito com a maneira com que a democracia está se desenvolvendo no nosso país?". Grau de insatisfação (totalmente ou provavelmente insatisfeito).



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

A variação no grau de confiança em instituições de governo também foi marcante. A desconfiança em relação a partidos políticos cresceu constantemente de 2013 a 2016. Já a desconfiança no parlamento (*Verkhovna Rada*) e, sobretudo, no presidente sofreu queda de 2013 para 2014 mas nos anos seguintes apresentou uma tendência rápida de crescimento. Em 2017 e 2018 as três instituições registraram os maiores índices de toda a série iniciada nos anos 1990 – todas com grau de desconfiança superior a 70% da população. A forte queda da desconfiança no presidente em 2014, ano do conflito, pode denotar tanto o efeito "lua de mel", quando no início do mandato há uma maior aceitação do incumbente, quanto um efeito "rally round the flag" ocasionado pelo conflito.

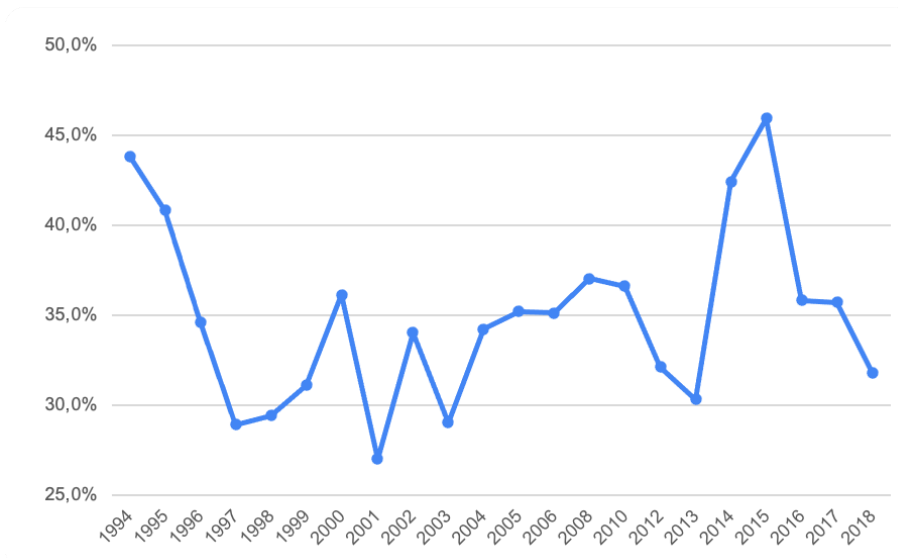
Gráfico. Grau de desconfiança institucional



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucrâniana" (2018).

Conforme constatamos na análise do caso russo, preferências institucionais e atitudes políticas devem ser analisadas tendo em vista o contexto e a percepção de trade-offs que indivíduos experienciam no dia a dia. Uma questão que parece demonstrar tal percepção de trade-off é a que indaga os indivíduos se é melhor protestar por melhores condições materiais ou abdicar de protestos em prol da manutenção da ordem, paz e tranquilidade no país. Em 2013, a preocupação com a estabilidade registrou um dos menores valores da série, na casa dos 30%. Em 2014, houve um salto de mais de 12% e, em 2015, registrou-se o pico de todo o período, com 45,9% priorizando a manutenção da ordem.

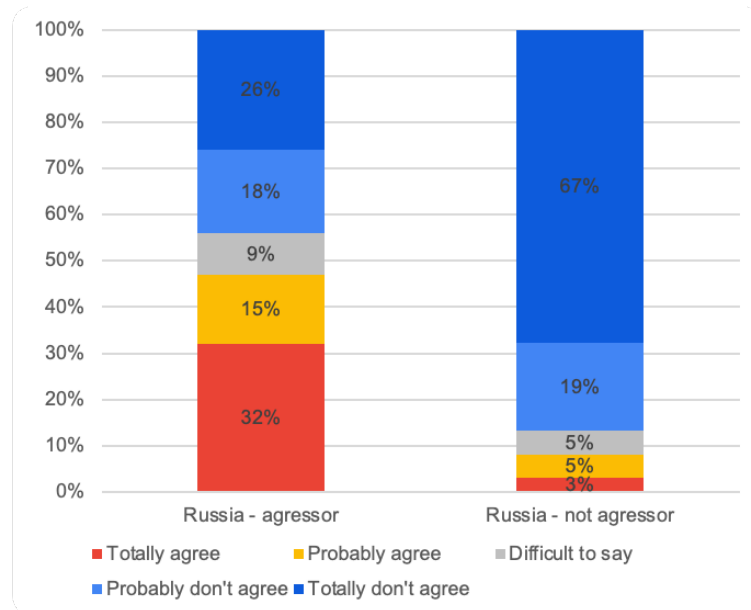
Gráfico. "O que, na sua opinião, é melhor – tolerar quaisquer dificuldades materiais em prol da manutenção da ordem, paz e tranquilidade no país ou, em casos de deterioração significativa das condições de vida, sair na rua para protestar?" Respostas em prol de ordem.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Outra questão que reflete o impacto do contexto em preferências políticas diz respeito ao apoio à instituição da lei marcial na Ucrânia em 2018, como resposta à agressão russa. A medida gerou intensa discussão no país, por conferir poderes especiais ao presidente, ainda que por um período curto. Como podemos observar no gráfico abaixo, os indivíduos que mais temem a Rússia e consideram-na um país agressor apoiaram muito mais a medida (47%) do que indivíduos que não consideram-na um país agressor (8%). Esse é um indício de que indivíduos que apresentam maior percepção de ameaça são mais predispostos a aceitar a relativização de direitos e uma "mão forte" se houver uma expectativa de que a medida providenciará maior grau de segurança.

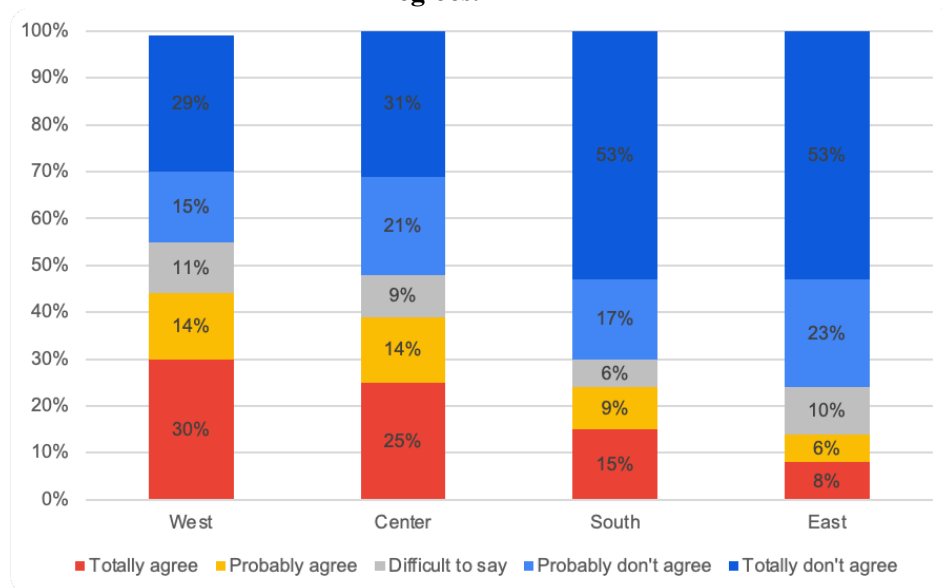
Gráfico. "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão entre os que consideram e não consideram a Rússia um país agressor.



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Uma vez que há uma maior percepção da Rússia como país agressor em regiões do oeste, de maior concentração de ucranianos étnicos e ucrainófonos, o apoio à lei marcial foi consideravelmente maior na região e no centro do que no sul e no leste. Ademais, o sul e o leste tiveram uma maior cobertura da lei marcial, o que compromete o alcance de nossas inferências.

Gráfico. "Em 26 de novembro de 2018, a lei marcial foi imposta em algumas regiões da Ucrânia por 30 dias. Você apoia esta decisão das autoridades ucranianas?". Divisão por regiões.

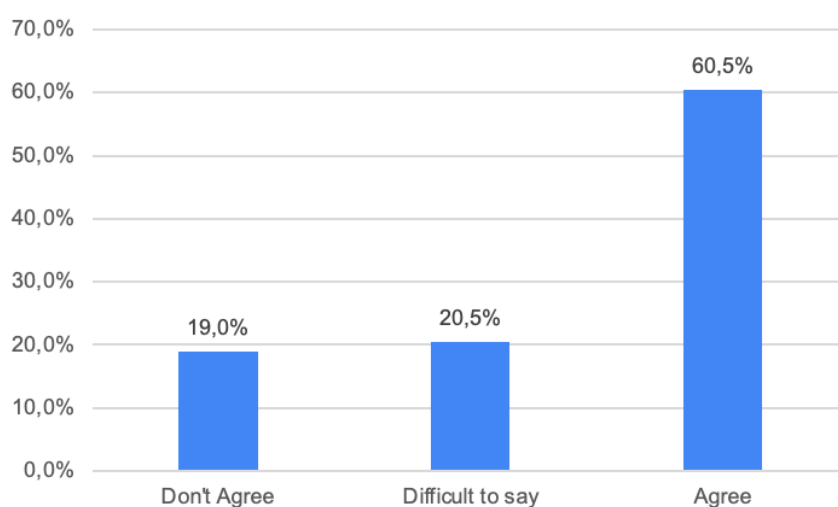


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Rating Group (2018).

Quando examinamos divisões linguísticas, constatamos que 45% dos que falam ucraniano em casa apoiam a medida, frente a 17% dos que falam apenas russo⁶.

Finalmente, uma última questão que pode revelar um elevado grau de preferência autoritária é o apoio a um líder forte em detrimento da democracia. Surveys de 2018 indagaram indivíduos se para o desenvolvimento normal do país era necessária uma "mão forte" e não conversas sobre democracia. Como podemos observar no gráfico, 60,5% concordaram com a afirmação.

Gráfico. "Para o desenvolvimento normal do país é necessária uma "mão forte" e não conversas sobre democracia"



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

Também se questionou se uma vontade política unida mantém a estabilidade na sociedade melhor que um conjunto de diferentes pontos de vista. Ao todo, 43,2% concordaram, contra 27,6% que discordaram⁷. Em outra questão, indivíduos foram indagados se apenas a política da "mão forte" é capaz de manter a ordem na sociedade: 58,5% concordaram, contra 19,8% que discordaram. Apesar do elevado nível de preferências antiliberais, não podemos afirmar se o conflito contribuiu para um aumento de tais preferências, dada a ausência de dados para outros anos.

Conforme mencionamos na introdução desta seção, nossos achados são ambíguos. Encontramos evidências de que após a crise de 2014 preferências por democracia, como um conceito abstrato, apresentaram um crescimento significativo – possivelmente devido

⁶ Rating Group (2018). Otsinka zahroz ta stavlennyya do zaprovadzhennyya voyennoho stanu v Ukrayini. URL: http://ratinggroup.ua/files/ratinggroup/reg_files/rg_martial_law_122018_press.pdf . Last access: 02.Jun.2021.

⁷ Informe sociológico "Sociedade Ucraniana" (2018).

à percepção de que um regime com fortes tendências autoritárias havia sido derrubado. Contudo, quando olhamos para questões contextuais que envolvem percepções de trade-offs associados a ordem, estabilidade e mesmo segurança contra um estado agressor, vemos que há uma considerável tendência a se relativizar princípios democráticos, sobretudo no período do conflito. Também é notável que a confiança em instituições como partidos políticos, o parlamento e o presidente atingiram o menor nível desde os anos 1990 após o início do conflito.

7.4 Outras consequências do conflito

A análise do impacto do conflito no sistema político ucraniano teve duas grandes vertentes. Uma diz respeito aos seus efeitos no sistema partidário, enquanto a outra ressalta as medidas restritivas adotadas pelas elites centrais sob o pretexto de garantir a segurança nacional.

A primeira vertente foi abordada por Fedorenko, Rybiy e Umland (2016), que analisaram como o conflito contribuiu para a diminuição do "fator russo" e da clivagem geopolítica no sistema eleitoral. Para os autores, tal diminuição pode ser o sinal da emergência da consolidação de uma nação política ucraniana, em torno de um maior consenso trans-regional acerca da integração com a Europa. O conflito com a Rússia e a percepção de ameaça colaboraram para esse consenso. Partidos não recorreram a tópicos polarizantes, mas enfatizaram a ideia de unidade transversal a regionalismos e à etnicidade, inclusive no sul e no leste. No entanto, os autores reconhecem que o fenômeno está também associado à alienação de um segmento do eleitorado: a Crimeia e grande parte do Donbass, regiões tradicionalmente pró-Rússia, não participaram do pleito eleitoral; muitos deslocados do conflito não votaram; outras regiões russófonas do sul e do leste tiveram baixo *turnout* eleitoral e o Partido Comunista da Ucrânia, com maior adesão de russófonos, foi banido em 2015. Divisões geopolíticas ainda estão presentes, mas em menor escala. Os autores consideram que a diminuição do impacto da etnicidade e da questão linguística é benéfica à consolidação da *polity* ucraniana.

No que concerne ao impacto do conflito na liberdade de expressão, Way (2019) admite que de fato algumas restrições podem ser justificadas do ponto de vista da garantia de segurança nacional, como as limitações à atuação da mídia russa, que foi utilizada pelo Kremlin como instrumento de guerra informacional contra a integridade territorial

ucraniana. Em contrapartida, enfatiza que uma série de medidas excederam os limites do equilíbrio entre segurança e liberdade, previsto em documentos internacionais. Entre as extrapolações estão a censura a redes sociais, livros, séries e filmes russos, a perseguição e prisão de jornalistas, a instituição da lei marcial, o fechamento de canais, rádios e partidos comunistas, bem como a adoção de políticas de conteúdo nacionalista, que podem dificultar o apoio ao projeto de *state-building* ucraniano no sul e leste do país – exatamente a região que mais foi alvo da agressão russa. O Ocidente não deu a devida importância aos abusos cometidos, inclusive a organização *Freedom House* (Way 2019, p. 57).

Apesar das restrições, Way afirma que a democracia ucraniana continua extraordinariamente dinâmica, com uma oposição e mídia atuantes, e que o eleitorado das regiões russófonas puniu Poroshenko eleitoralmente por ter ignorado os seus interesses – a votação em seu concorrente, Volodymyr Zelensky, foi expressiva nessas regiões. Para Fedorenko et al. (2016, p.621), o banimento do Partido Comunista e a adoção de leis anticomunistas foram mais medidas populistas para agradar parte do eleitorado em período de crise do que uma tentativa de remover um competidor do campo de oposição, uma vez que o partido já vinha perdendo força há alguns anos.

Vale mencionar que, em fevereiro de 2021, três canais ligados a lideranças do partido "Plataforma de Oposição – Pela Vida" (OPZZh) foram fechados, através de decreto presidencial, por veicular posicionamentos pró-Rússia. O diretor do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) afirmou na ocasião que "a liberdade de expressão termina onde aparecem sinais de ataque à integridade territorial e soberania da Ucrânia" e que era necessário introduzir sanções "para não permitir a realização de uma campanha informacional anti-ucraniana pelo estado-agressor"⁸. Críticos questionaram a maneira em que a decisão foi tomada, sem contar com o devido processo judicial. A medida foi vista como uma tentativa de Zelensky de mostrar a seus críticos que ele está tomando uma posição dura contra a intervenção russa e de diminuir a influência do OPZZh, partido

⁸ Khomenko, Svyatoslav (BBC). Ukraina zakryla "prorossiyskiye telekanaly". Zelenskomu grozyat impichmentom. 03.02.2021. URL: <https://www.bbc.com/russian/features-55925259>. Último acesso: 06.06.2021.

então com o maior apoio eleitoral⁹. Viktor Medvedchuk e Taras Kozak, líderes do OPZZh, foram sancionados em maio por traição e envolvimento com a Rússia¹⁰.

Os fatos apresentados acima trazem indícios de que conflitos podem afetar a competitividade do sistema político não apenas com a adoção de instituições autoritárias, como ocorreu no caso russo, mas também com cerceamento à liberdade de expressão embasado em preocupações com a segurança nacional. É de extrema complexidade identificar onde está o equilíbrio entre liberdade e segurança, bem como onde está o limite entre ameaça real e estratégias antiliberais de elite na competição política – questões que permeiam o debate da "democracia defensiva". Elevadas percepções de ameaça podem facilitar a aceitação social a medidas de restrição, mesmo que a priori não haja preferências por instituições autoritárias.

9. O discurso da "quinta coluna" russa

Embora na Ucrânia o conflito no Donbass tenha sido abordado como um problema integralmente externo – a "agressão russa" –, houve uma formulação do discurso oficial que permitiu sua instrumentalização no cenário doméstico, com importante impacto na competição política e na liberdade de expressão. Como vimos anteriormente, o Partido Comunista da Ucrânia (KPU) foi banido, algumas emissoras de rádio e televisão tiveram a concessão cassada e alguns jornalistas e políticos foram presos ou processados¹¹. A razão para tais medidas foram os alegados vínculos de tais atores com o país "agressor", percebidos como uma forma de traição e violação da soberania ucraniana. Os atores internos com supostas ligações diretas ou indiretas com a Rússia são frequentemente chamados de "quinta coluna", o que remete à ideia de colaboração com um inimigo externo. O termo teve origem na guerra civil espanhola, na qual o exército franquista contou com a ajuda de uma quinta coluna infiltrada no território inimigo durante o cerco de Madrid¹².

⁹ Khomenko, Svyatoslav (BBC).

¹⁰ BBC. Ukraina: kuma Putina Viktora Medvedchuka zapodozrili v gosizmene. Chto yemu stavyat v vinu? 11.05.2021. URL: <https://www.bbc.com/russian/news-57076293>. Último acesso: 06.06.2021.

¹¹ Ver Way (2019).

¹² <https://www.pravda.com.ua/rus/articles/2007/03/13/4414576/>

Na análise dos discursos presidenciais, vimos que Petro Poroshenko fez alentadas referências à quinta coluna como ameaça nacional após 2014. Nesta última seção do caso ucraniano, examinaremos como o discurso da "quinta coluna" foi abordado na imprensa nacional. Assim como o discurso do "trade-off" instrumentalizou a diversidade étnica como pretexto para a adoção de instituições antiliberais e a construção do "sistema vertical" de poder na Rússia, o discurso da "quinta coluna", indiretamente associado à diversidade étnica, também teve impacto na democracia ucraniana (o fenômeno da "democracia defensiva"), embora com efeitos mais modestos: a imposição de restrições no debate e na competição política ao deslegitimar posicionamentos pró-Rússia. Como veremos ao longo da seção, referências à "quinta coluna" apresentam relações ambíguas com o concepção de diversidade etnonacional. Em alguns casos, a minoria étnica russa ou a população russófona é apresentada como a "quinta coluna" dentro da Ucrânia, disposta a colaborar com projetos imperialistas russos, enquanto em outros, apenas determinados partidos, grupos políticos ou indivíduos são enquadrados como tal. Mesmo quando as acusações dizem respeito somente a grupos políticos específicos, indiretamente há uma associação com a diversidade, já que representantes desses grupos são eleitos principalmente nas regiões de população russófona do leste e do sul. Houve casos em que o termo foi utilizado para acusar a Igreja Ortodoxa Ucraniana do Patriarcado de Moscou de traição, devido às suas relações com a igreja russa, além de canais midiáticos ligados à Rússia ou que propagaram posicionamentos políticos alinhados ao Kremlin. Cabe mencionar que o termo "quinta coluna" é também muito utilizado em outras ex-repúblicas soviéticas, embora não necessariamente em referência a minorias étnicas. Na Rússia, por exemplo, é mobilizado para deslegitimar a oposição liberal por seus supostos laços com adversários geopolíticos do Ocidente.

A presente seção contou com o levantamento bibliográfico de três jornais ucranianos: o *Zerkalo Nedeli*, jornal com amplo material analítico e com a primeira menção online à quinta coluna em 1995; o *Ukrainskaya Pravda*, com a primeira menção em 2004, e o *Obozrevatel*, em 2006. Os dois últimos estão entre os jornais de maior visibilidade online no país. O sistema de buscas no *Zerkalo Nedeli* e no *Ukrainskaya Pravda* abrange todo o texto da notícia, enquanto no *Obozrevatel* se baseia apenas no

título¹³. Ao todo, o banco de dados contou com mais de 290 notícias. O material coletado foi catalogado em seis classificações: acusações a elites políticas, elites econômicas, sociedade, organizações religiosas, mídia e não identificado (NI)/ outras. Algumas notícias puderam ser catalogadas em mais de uma categoria. Referências a grupos étnicos como "quinta coluna" foram alocadas em "sociedade". Contudo, vale notar que nem todos os casos remetem a acusações diretas, uma vez que em algumas notícias critica-se a atribuição do termo a determinados grupos, vista como uma forma de estereotipação. Casos em que o termo não diz respeito a vínculos de atores ucranianos com a Rússia foram desconsiderados, como por exemplo, menções à atuação da "quinta coluna" russa na União Europeia.

O objetivo desta seção é revelar como o discurso da "quinta coluna" se desenvolveu ao longo dos anos na sociedade ucraniana, quais foram os seus principais contornos e que argumentos foram mobilizados para restringir o debate e a competição política a partir do conflito iniciado em 2014, ou seja, o concebimento da "democracia defensiva". Não pretendemos estimar diretamente o impacto desses periódicos na sociedade, mas sim identificar quais narrativas estavam sendo difundidas. Na primeira subseção apresentaremos uma breve análise quantitativa acerca da frequência de menções e suas classificações, enquanto nas subseções seguintes examinaremos qualitativamente os principais artigos publicados desde 1995, subdivididos em cinco períodos: Kuchma (1995-2004), Pós-Revolução Laranja (2005-2009), Yanukovich (2010-2013), Conflito I (2014-2019) e Conflito II (2019-2021).

Cabe mencionar que nas regiões do leste e do sul é muito difundida a narrativa de que nacionalistas e ucranófilos são "extremistas" e "fascistas", mas como o foco desta tese é o nível nacional, peculiaridades regionais não serão abordadas.

9.1 Análise quantitativa do discurso da "quinta coluna"

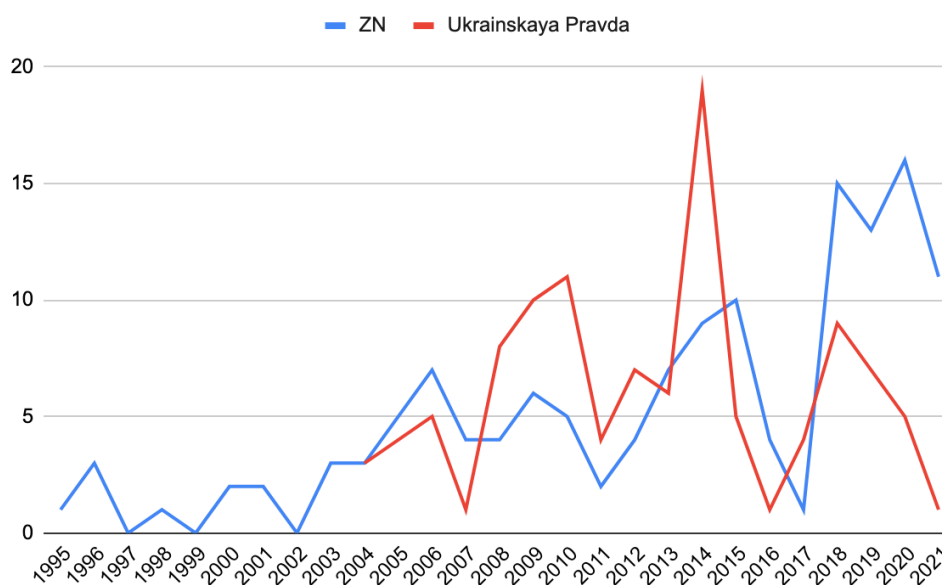
Os dados coletados nos três jornais revelam que, embora o discurso da "quinta coluna" tenha sido fortemente mobilizado após o início do conflito de 2014, sobretudo

¹³ No *Zerkalo Nedeli* e *Obozrevatel* as buscas foram feitas em russo. Já no *Ukrainskaya Pravda* há um significativo número de notícias publicadas apenas em ucraniano, portanto, o material foi coletado tanto em russo quanto ucraniano.

pelo presidente Petro Poroshenko, sua narrativa já estava presente na sociedade ucraniana pelo menos desde os anos 1990.

O gráfico abaixo mostra que após a Revolução Laranja de 2004 houve um aumento na frequência de menções ao termo, possivelmente associado à retórica antagonista à Rússia e ucrainófila do presidente Viktor Yushchenko. No período de Viktor Yanukovich (2010-2013) as referências se mantiveram acima do período anterior à Revolução e, com o início do conflito de 2014, foram registrados os maiores patamares. É interessante observar que em 2016 e 2017 foi registrada uma baixa frequência, mas em 2018, ano pré-eleitoral, houve um novo salto. Como vimos na análise dos discursos presidenciais, 2018 foi um dos momentos em que Petro Poroshenko fez menções mais enérgicas à ameaça da quinta coluna. Nos anos seguintes, o *Ukrainskaya Pravda* registrou uma queda acelerada, mas o *Zerkalo Nedeli* manteve patamares altos.

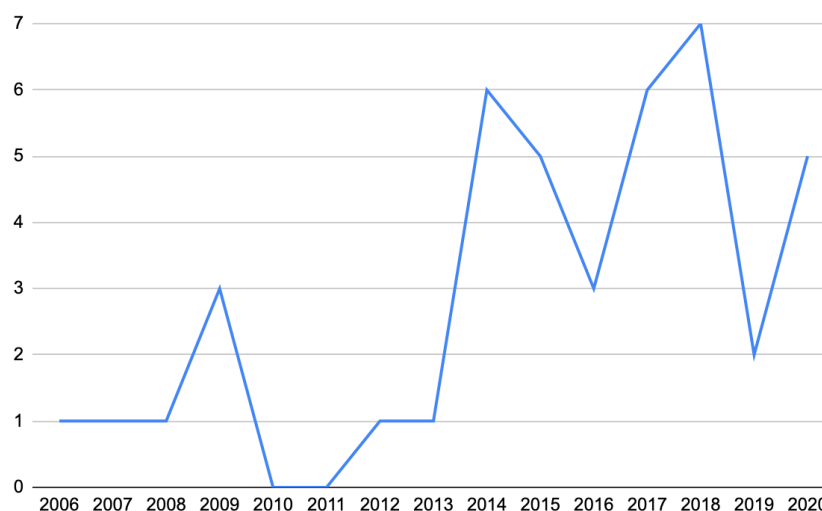
Gráfico. Número de notícias com referências à "quinta coluna" nos periódicos *Zerkalo Nedeli* e *Ukrainskaya Pravda* (buscas textuais)



Fonte: elaborado pelo autor.

O periódico *Obozrevatel*, cujo material foi coletado com base em buscas por título, apresentou uma dinâmica semelhante aos demais para o período do conflito. De 2013 para 2014 houve um salto de 1 para 6 notícias e o ano pré-eleitoral de 2018 registrou o pico de toda a série, com 7 notícias.

Gráfico. Número de notícias com referências à "quinta coluna" no periódico *Obozrevatel* (buscas por título)



Fonte: elaborado pelo autor.

Quando observamos quais atores foram associados à acusação de "quinta coluna", podemos constatar que a grande maioria diz respeito a "elites políticas", categoria que abrange deputados, burocratas, partidos e grupos políticos. Ao menos em parte dos casos, a utilização do termo constituiu uma tentativa de deslegitimação de adversários políticos.

Tabela. Referências à "quinta coluna" por categorias

	Zerkalo Nedeli (texto)		Ukrainskaya Pravda (texto)		Obozrevatel (título)	
	1995-2013	2014-2021	2004-2013	2014-2021	2006-2013	2014-2021
Elites políticas	37,3%	58,2%	61,0%	60,8%	75,0%	58,3%
Elites econômicas	1,7%	1,3%	0,0%	3,9%	12,5%	2,8%
Sociedade	39,0%	8,9%	25,4%	11,8%	0,0%	27,8%
Org. religiosas	10,2%	3,8%	1,7%	2,0%	0,0%	5,6%
Mídia	0,0%	11,4%	1,7%	9,8%	12,5%	5,6%
NI / Outros	27,1%	25,3%	15,3%	31,4%	12,5%	11,1%
N	59	79	59	51	8	36

Fonte: elaborado pelo autor.

No *Zerkalo Nedeli* é notável que o percentual de referências atribuídas à "sociedade" foi muito superior no período anterior ao conflito, superando, inclusive, atribuições a elites políticas. No *Ukrainskaya Pravda*, o decréscimo também foi considerável. Os periódicos podem ter reproduzido a narrativa das elites centrais de

apresentar o conflito integralmente como uma invasão russa. Se antes do conflito havia uma narrativa de que determinados grupos na sociedade, principalmente parte da população russófona ou russófila, eram uma ameaça à soberania ucraniana, após o início do conflito evitou-se admitir que a "agressão russa" poderia ter contado com uma base social de apoio. Outra possível explicação é que com a secessão de facto da Crimeia e do Donbass, a existência de uma quinta coluna russófila na sociedade ucraniana se esvaiu, dando espaço a um maior consenso acerca da integração do país à Europa. A oposição a tal projeto se limitou a alguns partidos e lideranças políticas, apresentados como a "quinta coluna" da Rússia, traidores dispostos a minar a soberania ucraniana.

Em ambos os jornais é notável que no período do conflito houve um aumento no número de referências à mídia, ou seja, jornalistas e veículos de informação "traidores" que estariam difundindo posicionamentos alinhados ao Kremlin. Tal narrativa pode ter contribuído para a legitimação de restrições à liberdade de expressão no país. Outra categoria de percentual relativamente alto é a de "não identificado / outros", a qual pode denotar uma tentativa de maximizar a ameaça: o inimigo estaria presente sem que fosse possível identificá-lo concretamente.

Na presente subseção podemos concluir que a narrativa da "quinta coluna" russa estava presente há décadas na sociedade ucraniana, mas ganhou força após a Revolução Laranja de 2004 e, sobretudo, a partir do conflito de 2014. O fato de as menções terem focado majoritariamente as elites políticas são um indício de que o discurso oficial, segundo o qual o secessionismo se deve integralmente à agressão russa, sem contar com uma base social de apoio, pode ter ganhado ressonância no meio midiático. Ademais, tal narrativa possibilitou a delimitação da competição política e da liberdade de expressão ao deslegitimar grupos políticos opositores, indivíduos e veículos de comunicação associados à corrente russófila. Como vimos anteriormente, a polarização entre russófilos e ucrainófilos foi um elemento marcante da política e sociedade ucranianas, principalmente a partir da Revolução Laranja. O conflito e a abordagem discursiva que se consagrou reduziram o espaço para que tal polarização pudesse ter continuidade, ainda que *surveys* tenham revelado a persistência de uma ala russófila na sociedade.

Considerações preliminares

A análise do caso ucraniano trouxe algumas evidências para as hipóteses de interesse da presente tese. Em um primeiro momento, observamos o impacto do conflito iniciado em 2014 na sociedade e política ucraniana. Em concordância com a nossa hipótese, há um significativo aumento de diferentes percepções de ameaça. Contudo, as ameaças mais significativas são as externas – a intervenção russa – e não o medo de minorias. Em relação a preferências autoritárias, encontramos evidências ambíguas. Por um lado, aparentemente há um aumento de algumas atitudes democráticas após 2014. Porém, por outro, há também um aumento na desconfiança institucional, uma percepção de que manifestações podem causar desordem e uma maior tendência de relativização de direitos para os grupos que mais temem agressão russa, como constatamos no apoio à introdução da lei marcial – evidência que vai ao encontro de nossas hipóteses.

O início do conflito no leste foi o período que mais testemunhou referências à ameaça da "quinta coluna" russa. Embora atribuições tenham sido feitas também a grupos étnicos e linguísticos, foi notável o seu decréscimo, em parte, decorrente da retórica oficial do governo de abordar o conflito no Donbass como um problema essencialmente externo. Em contrapartida, houve uma maior frequência de referências a elites políticas e à oposição ao governo. O presidente Petro Poroshenko foi de longe o político que mais mobilizou o termo discursivamente, sobretudo no ano pré-eleitoral de 2018, o que denotou uma tentativa de maximizar o efeito "rally round the flag" e deslegitimar seus opositores

O que mais chamou a atenção no período de conflito, entretanto, foi a mobilização do discurso da "quinta coluna" na discussão em torno da "democracia defensiva", a adoção de restrições a direitos e liberdades no intuito de proteger a própria democracia e o Estado. Tal debate guarda certa semelhança com o discurso do "trade-off" na Rússia, mas teve uma menor abrangência: atingiu a esfera da competição política sem culminar na promoção de mudanças institucionais substanciais. Como exemplo de restrições, podemos mencionar o banimento do Partido Comunista da Ucrânia em 2015 e o fechamento de canais midiáticos russófilos em 2021. Assim como o discurso do "trade-off", o discurso da "quinta coluna" concebe a diversidade e, em específico, minorias, como uma ameaça à ordem em um contexto democrático. Há uma concepção de que eleições livres, tanto no nível local quanto nacional, podem facilitar o empoderamento de

"agentes do Kremlin", eleitos por russos étnicos ou russófonos. Logo, a competição política é um processo sensível que por vezes demanda restrições.

Alguns analistas ressaltaram a importância e as dificuldades de se encontrar um equilíbrio entre democracia e restrições a liberdades em situações de conflito. A pressão do Ocidente, com as condicionalidades de integração à UE e aos mecanismos de segurança coletiva da OTAN, bem como a atuação da sociedade civil, são alguns dos fatores que podem ter impedido que o caso ucraniano adquirisse contornos similares ao caso russo. Porém, é notável que determinados posicionamentos aceitos antes do conflito passaram a ser abolidos da competição política, como a orientação russófila de alguns grupos sociais, lideranças, partidos e canais midiáticos. Way (2019) defende que, apesar de extrapolações nas restrições, a competição democrática na Ucrânia foi pouco prejudicada. Resta saber se a democracia logrará se manter firme em um cenário de ameaças e conflito prolongado, no qual a incorporação de minorias e a definição dos limites da nação é ainda uma questão em aberto.

Bibliografia

- Beissinger, Mark. 2008. "A New Look at Ethnicity and Democratization." *Journal of Democracy* 19(3): 85–97.
- Beissinger, Mark R. 2013. "The Semblance of Democratic Revolution: Coalitions in Ukraine's Orange Revolution." *American Political Science Review* 107(3): 19.
- Birch, Sarah. 2000. "Interpreting the Regional Effect in Ukrainian Politics." *Europe-Asia Studies* 52(6): 1017–41.
- Darden, Keith, and Anna Grzymala-Busse. 2006. "The Great Divide: Literacy, Nationalism, and the Communist Collapse." *World Politics* 59(1): 83–115.
- Fedorenko, Kostyantyn, Olena Rybiy, and Andreas Umland. 2016. "The Ukrainian Party System before and after the 2013–2014 Euromaidan." *Europe-Asia Studies* 68(4): 609–30.
- Giuliano, Elise. 2015. "The Social Bases of Support for Self-Determination in East Ukraine." *Ethnopolitics* 14(5): 513–22.
- . 2018. "Who Supported Separatism in Donbas? Ethnicity and Popular Opinion at the Start of the Ukraine Crisis." *Post-Soviet Affairs* 34(2–3): 158–78.
- Katchanovski, Ivan. 2016. "The Separatist War in Donbas: A Violent Break-up of Ukraine? †." *European Politics and Society* 17(4): 473–89.
- Kudelia, Sergiy. 2014. "Domestic Sources of the Donbas Insurgency." PONARS Eurasia. New Policy Memo. <https://www.ponarseurasia.org/new-policy-memo-domestic-sources-of-the-donbas-insurgency/> (May 26, 2021).
- Kuzio, Taras. 2010. "Nationalism, Identity and Civil Society in Ukraine: Understanding the Orange Revolution." *Communist and Post-Communist Studies*

43(3): 285–96.

Mitrokhin, Nikolay. 2015. “Ukrainskiy konflikt v 2014 godu: khronika krovavoy rekonstruktsiy.” *Neprikosnovennyi zapas* 1(99).

http://www.nlobooks.ru/magazines/neprikosnovennyi_zapas/99_nz_1_2015/article/11302/ (May 31, 2021).

Offe, Claus. 1991. “Capitalism by Democratic Design? Democratic Theory Facing the Triple Transition in East Central Europe.” *Nationalism in Central and Eastern Europe* 58(4): 29.

Protsyk, Oleh. 2008. “Majority-Minority Relations in the Ukraine.” *JEMIE - Journal on ethnopolitics and minority issues in Europe* Vol. 7(1): 42.

Romanova, Valentyna. 2012. “Regionalist Origins of Centralisation in Ukraine.” *Sfera Politicii* 20(1): 54–60.

Sasse, Gwendolyn. 2001. “The ‘New’ Ukraine: A State of Regions.” *Regional & Federal Studies* 11(3): 69–100.

Shekhovtsov, Anton, and Andreas Umland. 2014. “Ukraine’s Radical Right.” *Journal of Democracy* 25(3): 58–63.

Shulman, Stephen. 2004. “The Contours of Civic and Ethnic National Identification in Ukraine.” *Europe-Asia Studies* 56(1): 35–56.

Solchanyk, Roman. 1994. “The Politics of State Building: Centre-periphery Relations in Post-Soviet Ukraine.” *Europe-Asia Studies* 46(1): 47–68.

Stepan, Alfred. 2005. “Ukraine: Improbable Democratic ‘Nation-State’ But Possible Democratic ‘State-Nation’?” *Post-Soviet Affairs* 21(4): 279–308.

Umland, Andreas. 2014. “In Defense of Conspirology: A Rejoinder to Serhiy Kudelia’s Anti-Political Analysis of the Hybrid War in Eastern Ukraine.” PONARS Eurasia. <https://www.ponarseurasia.org/in-defense-of-conspirology-a-rejoinder-to-serhiy-kudelia-s-anti-political-analysis-of-the-hybrid-war-in-eastern-ukraine/> (May 27, 2021).

Way, Lucan. 2015. *Pluralism by Default: Weak Autocrats and the Rise of Competitive Politics*. Johns Hopkins University Press. <https://muse.jhu.edu/book/43833> (March 3, 2020).

———. 2019. “Dealing with Territorial Cleavages: The Rise and Fall of Ukraine’s Faustian Bargain.” *Occasional Paper Series* (40): pp.1-21.

Way, Lucan Ahmad. 2019. “Ukraine’s Post-Maidan Struggles: Free Speech in a Time of War.” *Journal of Democracy* 30(3): 48–60.

Wilson, Andrew. 2016. “The Donbas in 2014: Explaining Civil Conflict Perhaps, but Not Civil War.” *Europe-Asia Studies* 68(4): 631–52.

Wolczuk, Kataryna. 2002. “Catching up with ‘Europe’? Constitutional Debates on the Territorial-Administrative Model in Independent Ukraine.” *Regional & Federal Studies* 12(2): 65–88.

Zhukov, Yuri M. 2016. “Trading Hard Hats for Combat Helmets: The Economics of Rebellion in Eastern Ukraine.” *Journal of Comparative Economics* 44(1): 1–15.